

Apresentação

Já nos anos 90, Stuart Hall (2006) observava em *Identidades culturais na pós-modernidade* como o avanço da globalização e seu consequente impacto na organização das fronteiras nacionais – físicas ou simbólicas – culminariam em uma crise na própria construção das identidades culturais decorrentes, no projeto moderno, em grande parte da construção dessa vinculação entre nação e sujeito. Bauman vê, em *Modernidade líquida*, como única possibilidade de construção de identidade nesse terreno instável, a necessidade de conscientização e negociação da pluralidade, em oposição ao comunitarismo monolítico do patriotismo e nacionalismo modernos:

Essa, quero propor, é a única variante da unidade (a única forma de estar juntos) compatível com as condições da modernidade líquida, variante plausível e realista. Uma vez que as crenças, valores e estilos foram “privatizados” — descontextualizados ou “desacomodados”, com lugares de reacomodação que mais lembram quartos de motel que um lar próprio e permanente —, as identidades não podem deixar de parecer frágeis e temporárias, e despidas de todas as defesas exceto a habilidade e determinação dos agentes que se aferram a elas e as protegem da erosão. A volatilidade das identidades, por assim dizer, encara os habitantes da modernidade líquida. E assim também faz a escolha que se segue logicamente: aprender a difícil arte de viver com a diferença ou produzir condições tais que façam desnecessário esse aprendizado. (BAUMAN, 2001, p. 205)

Em sua obra derradeira, *Retrotopia*, Bauman vê, no entanto, como essa liquidez da modernidade, por sua vez, conduziu, hoje, a um movimento de retorno nostálgico a esse passado de fronteiras mais sólidas, alimentando desde conservadorismos moderados a discursos neofascistas. As fronteiras

(e suas demarcações, alterações, sobreposições e transposições) são, dessa forma, hoje, um problema central para pensar esse mundo globalizado de identidades negociáveis em confronto com sentimentos retrópicos de restauração de ordens rígidas. E as narrativas criminais acompanharão esse processo.

Andrew Pepper e David Schmid (2016), observando como as narrativas criminais acompanham esse processo de globalização, editam *Globalization and the State in Contemporary Crime Fiction*, no qual reúnem textos que se propõem a “um estudo do crescente alcance e ambição da narrativa criminal, focado em pensar cuidadosamente sobre a transnacionalização do crime e do policiamento na contemporaneidade, e as implicações dessa transnacionalização para o gênero” (p. 5). Trabalhos como o de Portilho (2009) vem mostrando justamente como as noções de centro e margem, assim como suas fronteiras, vem se tornando centrais para pensar a narrativa criminal no mundo contemporâneo.

Junto às noções políticas de fronteira, que, podemos entender aqui, conjugam tanto sua dimensão geográfica – em que a globalização e a transnacionalização do crime organizado assumirá destaque no gênero – quanto sua dimensão simbólica – em que os questionamentos às fronteiras tradicionais de identidade levarão a uma crescente preocupação com noções como gênero (*gender*), raça e orientação sexual em suas relações com crime e policiamento –, precisamos pensar, ainda, nas fronteiras literárias da narrativa criminal.

Em seu capítulo sobre gênero (*genre*) em *The Routledge Companion to Crime Fiction*, King e Gulddal (2020) refletem sobre como, sobretudo – mas não exclusivamente – na pós-modernidade, o hibridismo de gêneros se tornou uma marca recorrente na narrativa criminal, nos levando a refletir sobre as fronteiras que definiriam o próprio gênero:

Anteriormente uma exceção, o hibridismo se tornou uma norma central da ficção de crime e vimos o

romance criminal se fundir com diversos outros gêneros, como, por exemplo, a ficção histórica de Umberto Eco em *O nome da rosa* (1980, trans. 1983), a fantasia no *A cidade e a cidade* (2009), de China Miéville, a ficção científica em *Androides sonham com ovelhas elétricas?* (1968), de Phillip K. Dick, o suspense de espionagem em *Death Will Have Your Eyes* (1997), de James Sallis e ficção climática em *The Healer*, de Antti Tuomainen (...). (p. 16. Tradução nossa¹)

Na pós-modernidade, vimos não apenas uma grande multiplicação das obras que hibridizam o gênero criminal com outros gêneros, mas também a proliferação de uma postura autorreflexiva dessa literatura em relação às suas próprias convenções, como vemos, sobretudo na vertente denominada por Merivale e Sweeney (1999) como “*metaphysical detective story*”. Seguindo as autoras:

A ficção detetivesca metafísica é um texto que parodia ou subverte as convenções tradicionais da ficção detetivesca tradicional – tais como encerramento narrativo e o papel do detetive como parâmetro do leitor – com a intenção, ou ao menos o efeito, de levar questões sobre os mistérios de ser e saber que transcendem as meras maquinações do enredo de mistério². (1999, p. 2. Tradução nossa)

Nesse sentido, podemos pensar como desde, pelo menos, Jorge Luís

1 No original: Previously an exception, hybridity has become a central norm of crime fiction and has seen the crime novel meld with a range of other genres, for example, historical fiction in Umberto Eco's *The Name of the Rose* (1980, trans. 1983), fantasy in China Miéville's *The City & The City* (2009), science fiction in Philip K. Dick's *Do Androids Dream of Electric Sheep?* (1968), the spy thriller in James Sallis's *Death Will Have Your Eyes* (1997) and climate fiction in Antti Tuomainen's *The Healer* (...).

2 No original: A metaphysical detective story is a text that parodies or subverts traditional detective-story conventions—such as narrative closure and the detective's role as surrogate reader—with the intention, or at least the effect, of asking questions about mysteries of being and knowing which transcend the mere machinations of the mystery plot.

Borges, é possível ver uma reflexão que caminha nessa direção, culminando em narrativas profundamente engajadas em subverter as normas do gênero, tais como *Cidade de vidro* (1985), de Paul Auster, ou, no Brasil, o *Compêndio Mítico* de Alberto Mussa, composto por *O trono da Rainha Jinga* (1999), *O senhor do lado esquerdo* (2011), *A primeira história do mundo* (2014), *A hipótese humana* (2017) e *A biblioteca elementar* (2018).

Por fim, vale pensarmos como o recente sucesso dos podcasts de *true crime* coloca em cena uma última noção de fronteira: aquela concernente aos limites das próprias mídias em que tradicionalmente circulam as narrativas criminais. Se pensarmos que, desde sua origem, a narrativa criminal circulou entre mídias diversas, tais como jornal, livro e teatro, seguido do rádio, cinema, quadrinhos e TV, e culminando hoje, nos meios digitais do streaming, podcast e games, entre outros, é quase impossível fazer uma reflexão sobre o gênero que não lance mão minimamente de um diálogo intermidiático. Publicações como “Crime fiction and digital media” (VÄLISALO; PIIPPONEN; MÄNTYMÄKI; KOISTINEN, 2022) e *Investigação e crime em perspectiva intermidiática* (PORTILHO; RIBAS; SASSE, 2022) apontam alguns dos diversos caminhos seguidos hoje nesse sentido.

Foi pensando nessas múltiplas acepções de fronteira, assim como suas subversões, que foram selecionados os textos que compõem esse número dos Cadernos de Letras.

Abrindo o volume, Michely Vogel, em “O misterioso caso da pesquisa brasileira sobre Agatha Christie”, aponta que, embora a autora inglesa seja uma das mais conhecidas e prolíficas da dita literatura policial, os estudos científicos brasileiros sobre suas obras ainda são escassos. Vogel busca mapear as publicações científicas produzidas no Brasil sobre Agatha Christie e conhecer as influências intelectuais que orientam tais pesquisas, a fim de criar indicadores bibliométricos.

A seguir, Marta Rodriguez, em “Autópsia de um gênero: o

detetive Espinosa”, procura compreender a ruptura contemporânea do romance policial na obra de Luiz Alfredo Garcia-Roza, manifestada por meio da autópsia, ou introspecção, do gênero em sua forma clássica. Tal introspecção se manifesta como o ambiente da fantasia do detetive Espinosa, conforme a subjetividade de seus pensamentos, de modo que a forma da ação detetivesca só encontra sua natureza nas divagações do detetive, apontando para a perda completa de qualquer resolução definitiva sobre o crime. A autora busca comprovar que Garcia-Roza faz uma reflexão do gênero por meio de uma autópsia das regras impressas na tradição, na qual não caberiam as peculiaridades do detetive Espinosa, abrindo espaço para a presença de leituras literárias num ambiente que as exclui.

Em “De fios, labirintos e mistérios: *A casa eterna*, de Hélia Correia”, Carlos Henrique Fonseca pretende analisar a fronteira representada pela relação entre o discurso literário e o discurso histórico, privilegiando o processo de subversão do modelo de narrativa policial consolidada no século XIX por Edgar Allan Poe e evidenciando o recorrente uso da intertextualidade na composição de narrativas que propõem uma releitura crítica e estética de discursos anteriormente produzidos, resultando em uma produção compromissada em manter o diálogo com a memória da tradição, sem esquecer de procurar para si a sua *forma de narrar*.

Por sua vez, Juliana Meanda e Diana Rodrigues, em “Detetives transculturais: rompendo fronteiras na ficção criminal”, trazem uma análise das obras *Eulogy for a Brown Angel* (1992), de Lucha Corpi, e *Mezcalero* (2015), de T. E. Wilson, buscando compreender como seus detetives, Gloria Damasco e Ernesto Sánchez, respectivamente, levantam questões de identidade, especialmente em relação a gênero e a etnia, e trazem, ainda, o multiculturalismo e a subalternidade em seus contextos. A escrita desses autores é um espaço de resistência cultural, expressão de diferenças e representações identitárias alternativas, criado por membros de grupos marginalizados pela sociedade dominante. As autoras analisam

como são abordadas as interseções entre essas duas personagens, especialmente no que tange a questões de gênero, evidenciando como elas subvertem a literatura detetivesca, que, em sua faceta mais difundida, ainda é predominantemente uma narrativa do homem branco cisgênero e heterossexual.

Em “O dom do discurso: crime passionnal no século XIX e o clássico da literatura brasileira”, Thaís Sant’Anna Marcondes e Rafael de Oliveira Bragança analisam o livro *O dom do crime*. Os autores pretendem identificar de que maneira Lucchesi se filia à tradição literária da narrativa criminal e a subverte, quebrando a estrutura proposta por Todorov (2013) e sugerindo uma interpretação surpreendente: seria *Dom Casmurro* uma reinvenção da história de um crime real? Para isso, recorrem ao conceito de narrador para Benjamin (2012), aos estudos de Silva (2019) sobre as ficções brasileiras que tomam o crime como elemento central, e às reflexões de Chalhoub (2003) sobre a leitura de Machado acerca da sociedade imperial brasileira.

Já Lilian Reichert Coelho, em seu texto “Contorções no gênero policial por Ana Paula Maia e seus homens infames, de sangue e de fé” propõe uma aproximação das narrativas *Enterre seus mortos* (2018) e *De cada quinhentos uma alma* (2021), da escritora brasileira contemporânea Ana Paula Maia, por meio da intuição de que ela pratica uma sensibilidade fabular que aponta para possibilidades de igualdade ontológica geradas pelos seres humanos mais infames, que se insurgem, de algum modo, contra as condições de vida que lhes são impostas. Com base nisso, a pesquisadora defende que Ana Paula Maia aciona, performaticamente, estratégias das narrativas policiais, contorcendo qualquer princípio organizador. A abordagem sustenta-se nas noções de comum, igualdade e partilha do sensível de Rancière e na ideia de “homens infames”, de Foucault.

Pedro Frazão, em “Scream Queens: Teen Serial Killers, Tiktok Deaths and Taylor Swift’s Soundtracks”, discute a contemporaneidade das narrativas de assassinos em série e psicopatas, apontando algumas possíveis

estratégias usadas para a manutenção dessas histórias vivas no interesse popular. Frazão discute brevemente a história deste gênero e como a série de Ryan Murphy, *Scream Queens*, apresentou algumas direções para a revitalização das narrativas de *serial killers* e assassinos psicopatas, como a reformulação dos valores que caracterizam as *final girls* e seus antagonistas. O artigo, ainda, procura analisar trechos da produção televisiva, discutindo as referências feitas a *Psicose* e a diversos outros clássicos *slashers* e do terror americano.

Fechando este número dos Cadernos de Letras, Luciano Cabral em “An Unreliable Serial Killer in Bret Easton Ellis’s *American Psycho*: Textual and Contextual Signs”, examina psicopatas na ficção encarando-os como não-confiáveis devido aos seus traços psicológicos, por eles frequentemente mentirem, trapacearem, blefarem e enganarem. Patrick Bateman, o protagonista narrador do romance *Psicopata Americano* (1991), de Bret Easton Ellis, é um rico serial killer que não só tortura e mata com requintes de crueldade, como também narra seus assassinatos aos seus leitores. Contudo, quanto mais lemos seu relato, mais nos perguntamos se esse protagonista está, de fato, dizendo a verdade. O artigo de Cabral busca, então, atestar a credibilidade psicótica da narrativa de Bateman. Para tal, ele debate as implicações narratológicas de narradores não-confiáveis. Por um lado, este artigo debruça-se quase exclusivamente sobre os sinais textuais que podem revelar o distúrbio mental de Bateman. Por outro, aponta os sinais contextuais que podem evidenciar Bateman como um narrador não-confiável.

Esperamos, com essa nova edição dos Cadernos de Letras, contribuir para o enriquecimento da fortuna crítica sobre o gênero criminal, seja na crítica literária brasileira, em que apenas dá seus primeiros passos, seja em diálogo com a crítica especializada estrangeira, enriquecendo leituras da tradição com um olhar periférico, seja agregando ao rol de obras do gênero uma rica e heterogênea produção nacional.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GULDDAL, Jesper; KING, Stewart. “Genre”. In: ALLAN, Janice; GULDAL, Jesper; KING, Stewart; PEPPER, Andrew (Ed.). *The Routledge Companion to Crime Fiction*. 1. ed. Abingdon: Routledge, 2020. p. 13-21

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva / Guaracira Lopes Louro – 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MERIVALE, Patricia; SWEENEY, Susan Elisabeth. “The Game’s Afoot: On the Trail of the Metaphysical Detective Story”. In.: _____ (org.). *Detecting Texts: the Metaphysical Detective Story from Poe to Postmodernism*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1999.

PEPPER, Andrew; SCHMID, David (Ed.). *Globalization and the State in Contemporary Crime Fiction: A World of Crime*. Crime Files. London: Palgrave Macmillan, 2016.

PORTILHO, Carla. *Detetives ex-cêntricos: um estudo do romance policial produzido nas margens*. Tese de Doutorado. Instituto de Letras Universidade Federal Fluminense, 2009.

PORTILHO, Carla; RIBAS, Maria Cristina Cardoso; SASSE, Pedro. *Investigação e crime em perspectiva intermediária*. Coleção Escritos Suspeitos, vol. 1. Rio de Janeiro: Acaso Cultural 2022.

VÁLISALO, Tanja; PIIPPONEN, Maarit; MÄNTYMÄKI, Helen; KOISTINEN, Aino-Kaisa. Crime fiction and digital media. In: ALLAN, Janice; GULDDAL, Jesper; KING, Stewart; PEPPER, Andrew (Ed.). *The Routledge Companion to Crime Fiction*. Abingdon: Routledge, 2020. p. 397-405